

# OCcidente

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 549	Redacção — Atelier de Gravura . Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	38800	18900	6950	6120	21 DE MARÇO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Posseções ultramarinas (idem)...	46000	26000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	56000	26500	—	—		



MATER DOLOROSA — Quadro de Tamburini



## CHRONICA OCCIDENTAL

Como ultimo echo das festas henriquinas acabamos de receber um elegante e interessante livro intitulado *o Infante D. Henrique*, devido á penna d'um escriptor muito distincto, cujo talento serio e seria illustração os leitores do Occidente teem tido, por mais d'uma vez, occasião de apreciar: — o nosso presado amigo e collega o sr. Manuel Barradas.

O *Infante D. Henrique*, publicado em formosa edição pelo livreiro editor o sr. José Bastos o novo proprietario da antiga casa Bertrand, do Chiado, um rapaz muito intelligente, desde pequeno educado em negocios de livros e que pelos bons serviços, que, estabelecido apenas ha tres mezes, está prestando ás lettras portuguezas, mostra que bem aproveitou do largo tirocinio que fez nas mais acreditadas casas editoras da nossa cidade, é um volume de 150 paginas excellentemente pensado e excellentemente escripto, em que Manuel Barradas ostenta as mesmas distinctas qualidades de escriptor brilhante e erudito que fizeram o *sucesso* do seu primeiro livro o *General Gomes Freire* e em que a vida do glorioso filho de D. João I é contada a traços, largos com grande lucidez de estylo e interessante critica historica e sobretudo com uma singeleza elegante e moderna, que afasta da narrativa a sensação de massada, que de ordinario é peculiar a este genero de trabalhos.

O novo livro de Manuel Barradas, mercê do tom ligeiro em que está escripto lê-se d'um só folego, e com o prazer e o deleite com que se lê um livro de recreio, e era para desejar que todos os livros d'instrução fossem assim escriptos, com essa facilidade e ligeireza que consegue o *desideratum* dos trabalhos d'educação, instruir, ensinar, divertindo, e por isso o *Infante D. Henrique* é uma boa obra em toda a acceção da palavra, boa obra pela qual felicitamos o seu auctor e cujo apparecimento registamos aqui com prazer.

E já que começamos a nossa chronica d'hoje fallando em livros, seja-nos permittido registrar a publicação recentissima tambem d'outro livro novo de grande actualidade — a *Revolução no Brazil* do sr. visconde de Boaventura.

O visconde de Boaventura, hoje um dos redactores do *Correio da Manhã* é o antigo e distincto jornalista Gaspar da Silva, que por largos annos residiu no Brazil, onde deixou na vida jornalística nome brilhante e o seu alto criterio e o profundo conhecimento que tem da vida do Brazil n'estes ultimos annos, e dos homens politicos que n'ella tem representado papel predominante, dá ao seu livro sobre a revolução brasileira incontestavel auctoridade.

Os artigos primitivamente por elle escriptos acerca dos acontecimentos e dos homens que n'estes ultimos mezes teem attrahido sobre o Brazil a attenção do mundo, artigos que o Visconde de Boaventura compilou agora em volume sob o titulo de *A Revolução no Brazil* não são phantasia de folhetinista, escriptas sob informações, são o trabalho reflectido d'um jornalista sobre factos, e que avalia com o criterio elevado d'um espirito lucido e imparcial — d'ahi o exito que o seu livro tem tido e o acolhimento festivo que lhe tem sido feito por toda a imprensa.

E fechando aqui o capitulo de livros, que na nossa chronica abrimos hoje excepcionalmente pela actualidade que caracteriza os trabalhos do sr. visconde de Boaventura e do sr. Manuel Barradas, e deixando para uma chronica especial os outros livros novos, que se teem ido amontoando sobre a nossa meza, á espera que os acontecimentos do dia nos permittam uma folga ás chronicas noticiosas, temos que nos referir ainda ao Brazil, não pelos acontecimentos politicos que ahí se teem dado ultimamente, pois acerca d'elles são muito desconhecidas as versões, que até nós teem chegado, mas pelas noticias lugubres que pelos ultimos paquetes d'ali teem vindo, e que teem coberto de lucto as familias de muitos artistas portuguezes, e produzido entre nós, sobretudo no mundo theatral, profundissima consternação.

Em pouco mais d'um mez a febre amarella matou no Rio de Janeiro quatro artistas portuguezes, muito conhecidos em Lisboa, e que no verão passado d'aqui tinham partido para o Brazil em busca da fortuna.

A primeira victima foi uma actriz muito querida do publico de Lisboa e Porto, que n'esta ultima cidade tivera grande nomeada como *diva* de operetta, e que ultimamente, em Lisboa, occupava um logar muito distincto no theatro do Gymnasio — a actriz Amelia Garraio.



AMELIA GARRAIO

Era um actriz de muito merito, uma excellente creatura, mãe extremosa, que por amor de seus filhos partiu para o Brazil a ver se podia trazer-lhes de lá alguns contos de réis, e que no fim só lá encontrou a morte para si e a orphanidade para aquelles a quem tanto queria.

Conhecemos Amelia Garraio ha cousa de vinte annos, no Porto, na companhia do theatro Baquet, de que era então empresario o velho e intelligente Moutinho de Sousa, que ha muitos annos se deixou de negocios de theatro.

N'esse tempo ainda Amelia Garraio era simplesmente a Amelia Mendes, uma repariguinha muito nova, magra, franzina, que representava com muita habilidade comedias e dramas e que nós applaudimos n'um papel d'ingenua n'um antigo drama de Octavio Feuillet, *A Velhice de Richelieu*.

Depois trocando o appellido de seu pae pelo appellido de seu marido, a Amelia Garraio dedicou-se ao genero da operetta em que rapidamente conquistou o primeiro logar.

D'ahi a annos veio a Lisboa como estrella da companhia d'opera comico do maestro Alves Rente e teve no theatro dos Recreios Whittoyne enormes successos como cantora no *Pompon*, na *Bilha Quebrada*, etc.

Uma doenca que lhe estragou a voz obrigou a a deixar o genero em que era a primeira no Porto para voltar ao genero em que começou, á comedia e ao drama.

Volton, porém, n'outro posto: deixara o genero fazendo ingenuas e voltou fazendo caracteristicas, e fazendo-as com graça, com habilidade, como provam os applausos com qua durante quatro annos foi ouvida no Gymnasio, apesar de estar representando ao lado d'essas duas caracteristicas esplendidas, que se chamam Jesuina e Barbara.

No verão de 1892, Amelia Garraio foi pela primeira vez ao Brazil na companhia dirigida por Sousa Bastos, e debutou com grande successo no Rio, n'um papel em que, segundo nos dizem, era magnifica e em que nós nunca tivemos o prazer de a ver, a *Dona Mansa do Burro do sr. Alcaide*.

Deu-se bem no Rio, agradou muito, e no verão passado para ali voltou com a companhia do theatro de D. Maria.

—Vou ver se ganho algum dinheiro para os meus pequenos, disse nos ella dias antes de partir, e depois não volto mais ao Brazil.

Mal sabia ella, coitada, que nos fallava tanto verdade, e que a morte havia de fazer o seu dito verdadeiro.

Foi, e em vez de voltar com a companhia do theatro de D. Maria, deixou-se lá ficar a ver se fazia fortuna.

A situação do Brazil, já muito precaria para negocios de theatro pela guerra civil, foi aggravada ainda brutalmente pela febre amarella, e Amelia Garraio foi uma das primeiras victimas da epidemia.

A sua morte foi horrorosa, segundo informações que d'ali vieram em cartas, e Amelia Garraio morreu conhecendo a morte e chamando pelos filhos que cá deixava na miseria e na orphanidade e que nunca mais tornava a ver.

Pobre Amelia Garraio!

Os seus collegas dos theatros de Lisboa pensam em organizar um beneficio para as desgraçadas creanças, que ella deixou reduzidas á maior miseria.

Que essa santa lembrança vá ávante e dê os resultados que sinceramente lhe desejamos.

Com a noticia da morte de Amelia Garraio, veio tambem a do fallecimento de Pereira d'Almeida.

Pereira d'Almeida era muito novo ainda. Debutára ha cerca de cinco annos, na Rua dos Condes, no *Casamento da Nitouche*, de Sousa Bastos, se bem nos lembra. Tinha habilidade e fez progressos. Da Rua dos Condes passou á Avenida, e até representou com applauso no *Direito Feudal*, no *Burro do sr. Alcaide*, em que fazia muito bem um velho sebastianista, no *Valete de Copas*, no *Cavaleiro da Rocha Vermelha*, etc.

Foi ao Brazil tambem para arranjar a sua vida e no fim arranjou a morte, morte horrorosa, com consciencia do seu estado e com saudades dos filhos que deixara em Lisboa.

O ultimo paquete trouxe-nos noticia da morte de mais dois artistas portuguezes, o Julio Vieira e o Lupi.

O Lupi era filho do Lupi de Carvalho, que morreu ha annos, e esteve doido em Rilhafoles e que foi muito fallado por causa d'uns folhetos acerca da sua loucura, e por causa d'uma peça original, o *Tutor*, que foi representada no theatro do Principe Real pela companhia da Emilia Adelaide.

O Lupi esteve no theatro da Avenida como guarda-livros e como actor na empresa de Cyrillaco de Cardoso, Cinira Polonio e Mello, e ultimamente era contra regra do theatro de D. Maria, e foi com esta empresa que partiu para o Rio em meio do anno passado. Era um excellente rapaz, e a sua morte foi muito sentida.

Julio Vieira era um actor comico e ao mesmo tempo auctor dramatico muito querido das platéas populares. Era um rapaz muito alegre, muito intelligente; e por morte do actor Brandão, em 1891, ficou ensaiador do theatro do Principe Real até ao fim d'essa época.

Como actor teve papeis excellentemente representados, como logo no principio da sua carreira, o empregado da misericordia, no 2.º acto dos *Engeitados*, de Antonio Ennes, e o d'uma testemunha no acto da audiencia no *Artigo 47*, de Belot, em que era sempre muito applaudido; a scena comica o *Garoto dos jornaes*, etc.

Como auctor dramatico, algumas das suas peças tiveram muito successo nas platéas populares, — o *Zé*, que teve successivas representações em theatros publicos e particulares, e uma parodia a *Morgadilha de Val-Flor*, e outras.

Despedindo-se ha tempo da empresa do Principe Real, theatro onde esteve durante muitos annos escripturado, partiu para o Brazil sózinho, á procura de collocação e lá ficou tambem.

É assustador o numero de artistas portuguezes que a morte tem dezimado no Brazil. Em pouco mais de seis mezes, seis, os quatro de que acabamos de fallar e os dois Sant'Annas, o que foi no verão com a companhia do Principe Real e o que lá andava com a companhia de Sousa Bastos, e olhando um pouco mais para traz, a pobre Amelia da Silveira, a Margarida, a Esther, o Ribeiro, o grande actor comico, o maestro Alvarenga... que sei eu!

Juntamente com a noticia da morte de Lupi e de Julio Vieira, os jornaes trouxeram-nos tambem a noticia da morte, sempre pela febre amarella, d'um jornalista portuguez de muito talento, o sr. Chrispiniano da Fonseca, que em Lisboa se distinguira muito pelos seus artigos na *Patria*, e que ha annos estava no Rio de Janeiro, na redacção do *Paiz*, onde os seus artigos de critica litteraria tinham verdadeiro successo.

Era um rapaz muito novo ainda, de largo futuro e já de brilhante presente.

A sua morte causou profunda sensação em Lisboa, onde Chrispiniano da Fonseca tinha numerosos amigos!

Maurel, o illustre barytono que na sua estreia no *Mephistophiles* fôra recebido friamente pela platéa de S. Carlos, conquistou o publico de Lisboa no *Falstaff* e no *Othello*, e acabou por ter entre nós um dos maiores successos e dos mais justos, que cantor notavel tem alcançado em Lisboa.

A sua criação do papel de *Yag* é assombrosa de talento e de arte, e bastava para justificar a

reputação de primeiro entre os primeiros de que goza Maurel no mundo lyrico.

A noite da sua despedida foi uma noite de ovacão e de entusiasmo como raras vezes tem havido no theatro de S. Carlos, e Maurel partiu para Paris contentissimo com o publico de Lisboa e encantado com a hospitalidade e com o acolhimento que aqui tinha encontrado.

Nos theatros portuguezes tivemos um grande successo, o successo da *Irmã*, peça em 4 actos, original do sr. Alberto Braga, e que foi a desforra brilhante da *Estrada de Damasco*.

A peça teve grande exito na primeira noite, exito que se tem repetido nas recitas seguintes, que tem sido de enchente completa no theatro de D. Maria.

Vae longa esta chronica para nos occuparmos agora da excellente peça de Alberto Braga, que na noite de 20 do corrente terá a sua consagração com a festa do auctor.

Na proxima chronica, portanto, fallaremos d'essa festa, e diremos largamente da peça, que tão brilhante successo está alcançando.

Gervasio Lobato.

## MATER DOLOROSA

*Stabat juxta crucem!* Maria estava ao pé da Cruz. Nem podia ser outra a sua situação, pois tinha de assistir á morte do Homem-Deus, como um grande testemunho da divindade do sangue por elle derramado sobre o Golgotha para salvação do mundo. O filho de Deus expirava, e a grandeza e magestade da sua morte só podia corresponder a compaixão de Maria, porque sendo a mais proxima ao Senhor por natureza, era a mais disposta á commiserção pela ternura.

Assim o grande signal do Christianismo não é unicamente a Cruz, mas tambem, e primeiro que tudo, a Virgem.

O Sol da verdade divina elevou-se ha dezenove seculos nas alturas do Oriente, do seio de quatro mil annos de trevas. Como duvidar de que Deus quiz que a vontade da Virgem cooperasse eficazmente para se romperem essas trevas e ser illuminado o mundo?

Se a Virgem tivesse sido um simples instrumento, tomado por necessidade e ao acaso entre as mulheres para cumprir o ministerio da maternidade sublime; se não tivesse sido expressamente gerada e creada para este fim, ornada de todas as virtudes e de todas as graças que convinhão a esse incomparavel destino, multiplicando depois infinitamente o numero de seus riquissimos dotes por meio de todos os seus actos, de todos os anhelos de sua vontade, não era digna de conceber do Espirito Santo, e de ter por filho o verdadeiro filho de Deus, para quem o seio materno foi o santuario do seu amor na sua manifestação mais perfeita, como para a humanidade o ponto inicial da sua elevação.

Pelo contrario, Maria, a Mãe dos vivos, a nova Eva, é um instrumento activo e continuo da graça de Jesus Christo, um canal animado d'esta graça, a mãe purissima que pela sua virgindade fecunda faz renascer os homens para a vida de Deus, depois de ter dado á luz Deus para a vida dos homens.

Christo foi a flôr que subiu da raiz de Jessé, conforme a graciosa imagem de Isaías; Deus o perfume, e Maria a raiz. Em vão quereremos o perfume sem possuímos a flôr; e esta não pode separar-se da raiz sem perigo de perder o seu vicio.

E pela raiz, com effeito, que chegamos á flôr, e pela flôr ao espirito da Divindade, de cuja fragancia ella encheu toda a terra. Professar, pois, a Santa Mãe de Deus, é professar o Christianismo no seu dogma essencial.

Agora compreendendo a razão, por que ao sanguinolento sacrificio do Filho associou a Providencia o doloroso sacrificio da Mãe. A Cruz e a Virgem não podiam deixar de ser inseparaveis para o triumpho completo do Christianismo.

E tambem para que a Virgem fosse em tudo a mulher por excellencia, não bastava que ficasse, como ficou, immaculada na maternidade, era mister que provasse na dureza da sua dôr incomparavel a constancia e a resignação com que se submettia aos designios de seu Eterno Pae.

Por isso permaneceu immovel na expectação do crudelissimo Decidio.

Não pode, porém, o entendimento comprehen-

der, nem a lingua exprimir o conflicto que devia travar-se dentro da alma formosissima de Maria, entre o natural amor de mãe e o respeitoso amor da justiça divina. Era a ternura e a fortaleza em duello penosissimo. Martyrio sobrehumano!

Com a alma immersa nas feridas do Filho, reprime a dôr que procura desfazer-lhe o coração em pranto, e nos membros dilacerados não descobre a barbaridade dos homens, mas a obra da sciencia divina.

Sustenta resignada e serena o decôro de Mãe de Deus, subindo com o espirito tão estranhamente atormentado ás altas causas que determinaram a morte tão affrontosa de seu Filho amantissimo, não duvida um instante de que pende da Cruz um innocente, mas não deixa de considerar justos os rigores da Omnipotencia.

Sublime virtude a sua, que na acerbidade de tantas penas assim soube manter-se intacta!

Era bastante ponderar quanto contribuiu para a redempção humana e quanto ella custou á Santissima Virgem, para preconisarmos o seu culto.

Portugal, que a tem por padroeira, não devia esquecer o nunca, pois n'esse culto se exalta o de Jesus Christo, de cuja religião Maria é o *palladium*, e por isso servir a Maria é servir a Deus. Ora quem serve a Deus não se aparta d'elle, por isso, seja qual fór o perigo das cousas humanas, está sempre seguro. Portugal o experimentou já, e hoje infelizmente faz lembrar a historia de Samão. Este, quando assistido de Deus, matou com a queixada de um jumento não menos que mil Filisteos; quando abandonado, obrigaram n'o a moer em uma atafona como jumento. Enquanto observou os preceitos da religião que professava, foi o terror de seus inimigos; protêstou exteriormente contra a observancia do seu instituto e para logo foi o ludibrio e escarneo dos mesmos inimigos.

Portugal tambem teve valor e brio, emquanto foi crente; hoje com a sua fé vacillante—para não dizer sem fé alguma—é o que meus olhos estão vendo e — desejaría que não vissem.

Zephyrius Brandao.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### CANAL DE CORINTHO

Foi ultimamente aberto á navegação entre as costas do mar Adriatico e as orientaes do Mediterraneo ou Levantinas, este canal, cuja idéa de o fazer vem das epochas mais remotas.

O canal tem uma extensão de 6 kilometros, extensão insignificante comparada com a do canal de Suez, que é de 160 kilometros, a do canal do mar do Norte ou do Baltico, que será de 89, e a do projectado Panamá, que será de 73.

A travessia marítima entre Cephalonia e Athenas ficará reduzida a 265 kilometros, graças ao novo canal e os barcos não se verão obrigados a dobrar o cabo de Matapan, tão perigoso no inverno como o de Boa Esperança em diversas estações.

Os navios que se dirijam do Adriatico ao Egeu pelo novo canal percorrerão 325 kilometros menos que pela antiga derrota; os vapores empregados menos 16 ou 17 horas na viagem, e com os que tenham uma lotação de mais de 620 toneladas economisarão os armadores mais de cento e cincoenta mil réis por cada expedição.

Os portos austriacos de Trieste e Fiume e os italianos do Adriatico serão os que tiram mais resultado.

Para formar idéa dos beneficios que poderá conseguir o primeiro, verdadeiro emporio commercial do imperio austriaco, basta dizer que em 1891 embarcaram n'elle com destino ás costas da Turquia e ás meridionaes da Russia, mercadorias no valor de uns vinte e nove mil contos de réis, e foram importados productos procedentes das costas mencionadas no valor de uns desesete mil e seiscentos contos de réis.

A idéa de cortar o celebre isthmo por meio de um canal é muito antiga. Teve-a pela primeira vez Periando, um dos sete sabios da Grecia, seiscentos annos antes de Christo.

Em diversas occasiões se encareceu a importancia de tornar uma realidade a idéa de Periando. Demetrio Poliorettes e Julio Cezar manifestaram o desejo de ver executado o canal. Nero mandou fazer o traçado, alistou milhares de ju-

deus e criminosos para trabalharem na projectada obra; a insurreição de Vindes no anno 68, impediu que se proseguisse a empreza.

Alguns annos depois de libertada a Grecia da dominação turca, intentou uma companhia construir o canal, porem, suspendeu por falta de recursos. O general Turr, graças ao exito obtido por Lesseps na abertura do isthmo de Suez, conseguiu do governo grego em 1881, a auctorização indispensavel para construir o novo canal e á perseverança e actividade do emprehendedor hungaro se deve a execução da obra.

Começaram os trabalhos no mez de abril de 1882 e portanto, duraram mais de onze annos, devido ás difficuldades com os engenheiros iuctaram para cortar a collina de 80 metros de altura sobre o nível do mar que forma a divisória entre os serventes dos golphos de Egina e de Corintho e é formada de rochas calcareas.

## RICARDO BURTON, EM LISBOA

Ha sete ou oito annos recebi um convite de Serpa Pinto para ir almoçar com elle. Morava então o grande explorador na rua de S. Bento. Na carta de convite dizia-me Serpa Pinto que o almoço era dado em honra de sir Richard Burton, o famoso explorador inglez que tivera a gloria de encontrar os lagos da Africa Central que os portuguezes aliás já tinham descoberto no seculo XVI. Serpa Pinto conhecera-o na Africa, tivera com elle e com sua mulher excellentes relações, e, como elle passara por Lisboa, para se dirigir a Trieste onde era consul, e onde por signal morreu em 1890, Serpa Pinto queria tratá-lo com amabilidade e pô-lo em relações com alguns portuguezes que se occupassem dos assumptos a que elle dedicara a sua vida.

Fui, e, com certa surpresa, encontrei um homem que nada tinha do typo loiro que eu imaginava. Parecia mais arabe do que inglez; não tinha simplesmente uma *sun-burnt face*, tinha perfeitamente a *dark complexion*. Os modos tambem differiam do typo inglez; não desdenhosos, mas levemente trocistas. Sentado á direita da esposa Serpa Pinto, mostrava-se com ella perfeitamente cortez, fallava das suas viagens com uma certa indifferença sem se gabar, fallava de Camões, que traduzira — e muito mal, como depois vim a saber — o mais frequentemente que podia. Não perdia um ensejo de mostrar que conhecia todas as linguas orientaes. Quando Serpa Pinto se queixava de algumas contrariedades que encontrava ou que tinha encontrado nas regiões officiaes, sir Richard Burton dizia-lhe logo que o mundo official portuguez era um ideal de correcção comparado com o mundo official inglez. Mais nos surpreendeu n'um subito de Sua Magestade a rainha Victoria esta declaração, que tomamos com tudo por uma exaggerada manifestação de cortezia para com o paiz onde se achava; mas a nossa surpresa não ficou por ahi.

Era em francez a nossa conversação, e elle, devemos dizel-o, fallava o francez com uma facilidade rara nos seus compatriotas. N'esse tempo a questão irlandeza, que Gladstone está procurando pacificar com o *home rule* achava-se no periodo mais agudo, e na crise mais violenta. O governo inglez respondia com a repressão mais terrivel ao *boycottage* e aos mil processos desesperados do protesto da desgraçada Erin. Succediam-se as implacaveis *evictions* e a Inglaterra a frio parecia resolvida a esmagar completamente o povo da ilha que ella chama, de certo por ironia, a «ilha irmã»?

— Sir Richard, disse a um de nós, quando o almoço ia já para o fim, *quelle est votre opinion sur la question irlandaise?*

— Oh! respondeu elle phlegmaticamente, depois de acabar de beber um copo de *champagne*, *que les Irlandais ont le besoin d'attraper une forte réclée de temps en temps!*

Posso afirmar que esta phrase é textualmente a que elle proferiu. Guardei-a preciosamente na memoria, e muitas vezes a repeti d'epois d'esse famoso almoço. Todos acolheram com uma gargalhada o que tomaram pela saida humoristica de um inglez. A mim fez-me passar um calafrio pelas costas porque sabia que sir Richard Burton era... filho da Irlanda!

Depois do almoço, sir Richard Burton, recostado na sua cadeira e fumando um charuto, ainda fallou, um pouco de boca espremida, nas curiosidades de varios dialectos. Depois separamo-nos. Nunca mais o vi.

## A PAIXÃO DE CHRISTO



JESUS CHRISTO NO HORTO

Eis-nos chegados a mais uma comemoração da morte do Homem Deus, d'essa morte que foi vida para a humanidade pelas garantias que lhe outorgou.

Se o caminhar dos seculos não pôde apagar da memoria do povo christão a lembrança do sacrificio de Jesus, isso prova a grandeza d'esse sacrificio, como ainda não houve outro na face da terra.

Não houve nem haverá, porque Deus ha só um, e só Deus é divino, só Deus derramou o seu sangue innocente e justo, por esta humanidade minada de todos os peccados.

Que vida de soffrimento e amarguras foi a vida de Jesus por sobre a terra.

Como logo ao alvorecer da sua adolescencia se sentiu preseguido pelos homens, que Elle vinha regenerar com a sua divina doutrina. Como essa perseguição não teve limites até verem-no pregado n'uma cruz e exhalar o ultimo alento.

E o manso Jesus ti do suppurtou com aquella resignação exemplar que confundiu os seus algozes, a humanidade inteira.

Desde aquella noite temerosa, em que esgotou a ultima gota do calix da amar-

gura, até ao ultimo suspiro sobre a cruz, só teve palavras de perdão para as accusações que lhe fizeram, para as injurias que lhe cuspiram, para os flagellos que lhe applicaram, para os escarneos com que o insultaram.

No Horto elle viu prepassar em seu espirito, em horas de angustia, todas as miserias humanas, aquellas que só elle podia prescrutar nos corações dos homens.

Que horrorosas foram para Elle essas horas em que a humanidade se lhes apresentou com o seu incommensuravel cortejo de vicios, de atrocidades e de crimes, e contudo a sua Devindade não exitou em descer até essa humanidade, para a remir com o seu amor, com o seu sacrificio.

Não o alligem as dores phisicas que o seu corpo sentia, como homem, mas sim as dores moraes que retalhavam a sua alma por ver tantas miserias humanas.

Será sufficiente o seu sangue para lavar tantas culpas que não são suas; será bastante aquelle sacrificio para dar a liberdade aos escravos, o pão aos famintos, a esperanza aos desesperados, a resignação aos que soffrem, a protecção aos abandonados, a consolação aos tristes, a egualdade, enfim, aos homens, para que se amassem todos uns aos outros como a si mesmos, suprema aspiração de toda a sua doutrina?!

Era esta ainda a duvida que atrevesava o seu espirito, no meio do seu sacrificio, porque Elle sabia bem de quantas fraquezas se compõe esta humanidade.

Depois de lhe ter dado o exemplo da mais sublime abnegação, deu-lhe a vida, implorando com os seus labios contrahidos pelos apertos da morte, o perdão de seu pae para esta humanidade que ali o crucificava em troca da liberdade que elle lhe trazia.

«Perdoae-lhe meu pae que elles não sabem o que fazem».



PRISÃO DE JESUS CHRISTO

## A PAIXÃO DE CHRISTO

A Paixão de Jesus Christo retrata como em um espelho, a vida da humanidade. N'ella se vê este constante embate das paixões humanas que constitue a lucta do Bem com o Mal.

Jesus Christo quiz sofrer todas as provações, para mostrar como a ellas se resiste e se combate.

Deixou nos um grande exemplo de fortaleza, de amor e de abnegação, que se o seguíssemos por metade que fosse, por mais não caber em nossa fraqueza, seríamos felizes, e já teríamos encontrado esse ideal para que aspiramos de uma felicidade que não sabemos encontrar, no meio das nossas misérias.

Grandes são as conquistas que a humanidade tem feito guiada e illuminada pelas doutrinas do Redemptor, por essas eternas verdades pregadas desde desanove seculos, e se ella nunca deixasse de se guiar que pelas palavras do Divino Mestre, maiores seriam essas conquistas para a sua felicidade.



JESUS CHRISTO NA PRESENÇA DE PILATOS

Ninguém pôde negar a sublimidade da doutrina de Jesus Christo, e comtudo quantos nascidos no seio d'ella se insurgem contra os seus preceitos, por não terem a coragem de serem superiores a suas paixões.

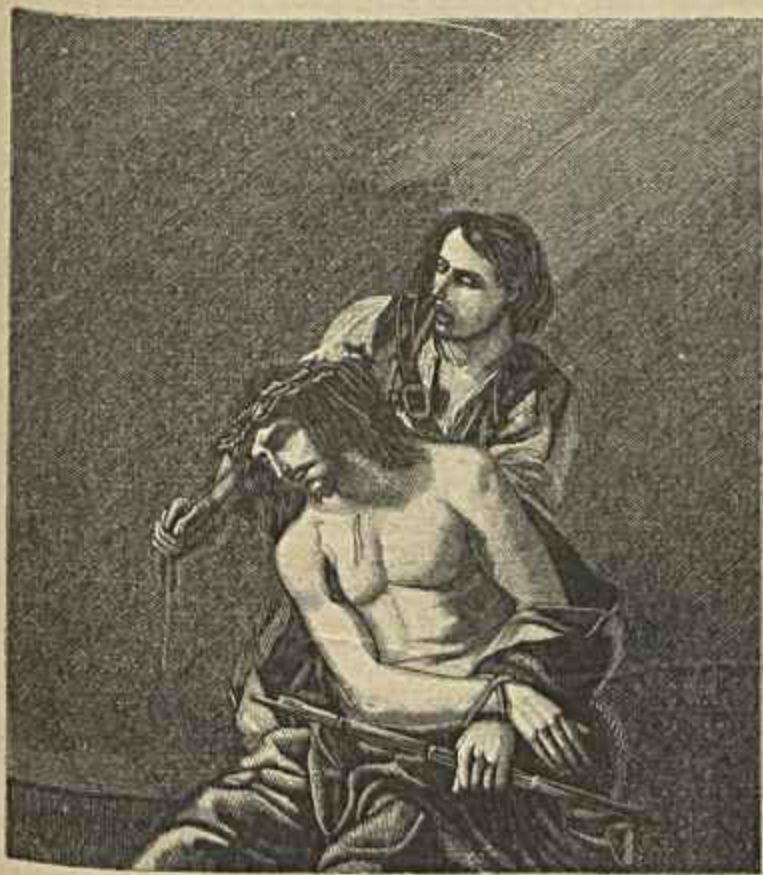
O homem só é grande e se sente feliz quando sabe triumphar de si mesmo e se para o conseguir é precisa a coragem dos martyres, isso prova a grandeza dos nossos vicios, a ruindade de nossas paixões.

D'ahi o quanto, respeito nos devem inspirar os martyres, esses predestinados do Bem, que, sabendo triumphar de si dão ao mundo exemplos de heroismo.

Pois é isto que Deus nos ensina quando nos manda desprezar as nossas misérias, triumphar das nossas fraquezas, amarmo-nos uns aos outros como a nós mesmo.

E' este o amor de Deus; está n'isto a felicidade humana.

*Caetano Alberto.*



FLAGELLAÇÃO DE JESUS CHRISTO



JESUS CHRISTO MORTO

## II

Pode se imaginar portanto que foi com verdadeira curiosidade que percorri na *Edinburgh Review* o artigo que analysa a *Vida de sir Richard Barton* escripta por sua mulher Isabel Burton. O artigo não trata com grande amabilidade o famoso explorador, mas explica muitas coisas que nos tinham surpreendido no almoço em casa de Serpa Pinto. Devemos dizer em primeiro lugar que Richard Burton não era Irlandez, apesar, diz a propria *Edinburgh Review*, de todos o considerarem como tal, Burton pertencia a uma familia de Westmoreland, que se estabeleceu na Irlanda no condado de Galway, mas o explorador não tinha uma gota de sangue irlandez nas veias, mas o que parecia «diz a viuva, era que tinha sangue de cigano. E a proposito d'isso conta que uma cigana chamada *Agar Burton* lhe prophetisara que havia de casar com um homem que teria o nome da sua tribu, homem que bem faria se deixasse a vida social, e assumisse a realza dos ciganos. Se assim é, está explicado o rosto carregadamente moreno de Burton.

Por outro lado tambem Isabel Burton se ufana de que seu marido descendia de um bastardo do rei de França Luiz XIV, descendencia phantastica em que Burton afinal tambem acreditava.

Fallando n'isto conta a viuva de Burton uma anedocta que mostra bem o feitiço trocista do genio do explorador, e explica sobretudo aquella saída a respeito da *tareia* que os Irlandezes precisavam de levar de tempos a tempos. Conversava com sir Bernard Burke a respeito da tal descendencia de Luiz XIV.

Richard disse: «Quero que isto fique claro», conta a viuva, e sir Bernard observou: «Espantame de que o capitão Burton que tem tão bom sangue septentrional e escoez nas suas veias, e que está ligado com tanta das melhores familias, se preocupe com o que, no melhor caso, não pode ser senão uma descendencia morganatica».

Parece que o estou a ver, encostando-se descuidosamente á estante, de mãos nas algibeiras, com cara de quem se está divertindo immenso, olhando para a seria physionomia de sir Bernard, e dizendo: «Olhe que eu antes queria ser bastardo de um rei do que filho legitimo de um homem honrado» e o frouxo de riso que teve ao ver a expressão de revolta, e o «Oh! capitão Burton» que elle esperava.

Ah! perfeitamente! tambem nós estamos a ver a cara de troça de sir R. Burton, quando atirou a sua enormidade ácerca do regimen a applicar a Irlanda. Burton era portanto um homem que gostava *d'epater des gens!*

Esse genero de *humour* não agrada muito na Inglaterra, e a *Revista de Edimburgo* critica asperamente esta falta de seriedade do explorador, assim como nota que, dizendo mal de todos os seus superiores, dando-se mal com todos, não admirava que na vida militar nunca passasse de capitão, que, como explorador, depois de receber a medalha de ouro da Sociedade de geographia esta nunca mais o empregasse, e que na vida consular nunca obtivesse senão primeiro o consulado de ultima classe da ilha de Fernando Pó, e os consulados de segunda classe de Damasco e de Trieste.

Assim se explica tambem aquelle azedume com que sir Richard Burton fallava da administração ingleza e do mundo official do seu paiz.

Não nos interessa o mais que no artigo se diz de sir Richard Burton, notaremos apenas que o autor do artigo fallando do *soi-disant* descobrimento dos lagos da Africa Central por Burton chama-lhe apenas *the modera discovery*, e accrescenta que a Speke e não a Burton pertence a gloria de ser o primiro que visitou, *nos tempos modernos*, as fontes do Nilo. E' esta uma homenagem prestada pelo escriptor inglez ás descobertas portuguezas, e devemos-a á energica reivindicação d'essa nossa gloria nacional feita pelo illustre inglez Richard Major.

Aqui terminariamos pois este artigo, se no decurso d'elle não houvesse uma referencia á estada de Burton em Lisboa, não na epoca em que o conhecemos, mas muito antes. Vinha então com sua mulher, e não deixa de ser curioso vêr o que lady Burton escreveu a respeito do hotel Bragança.

(Continúa.)

Pinheiro Chagas.

## O TORNADIÇO

Romance historico

PELO

MORG. DE FORTINIÃES

VI

(Continuado do numero 547)

Correram tempos.

O padre Lopo, desde que o episodio da Gaya puzera em evidencia o character independente do sobrinho, em vão formava planos de salvaguarda, coisas excessivas que remediassem esse mal de que elle se julgava cúmplice, por ter contribuido para o casamento da sobrinha.

Entre os diversos expedientes que lhe occorrem, lembrou-se de mandar offerer grossos dinheiros á judia, para que desapparecesse d'aquelles sitios; e com effeito, certa manhã confiou esta empreza a um ex-feitor muito celebre pela tatica astuciosa com que manejava negocios delicados. Mas foi vã a tentativa; a judia recusou exaltadamente, expulsando com palavras duras o commissario que sahio desnorreado, repetindo persignações com um terror beato.

Ainda então corria por Silgueiros o boato da aggressão que tinha atirado para o leito, com perigo de vida, o morgado das Granjas, Vicente Mesquita, e em mais de um conclave de soalheiro, boquejava-se o nome de D. Balthazar de Lara como um dos responsaveis da catastrophe. Isto chegou aos ouvidos do padre Lopo, e como a Gaya e o dominio insultante que ella exercia sobre o sobrinho, se tinham tornado a sua preocupação invariavel, relacionou immediatamente esse facto violento com aquelles amores adulteros que lhe tiravam o somno.

Resolveu fazer uma visita ao enfermo, indagar, sondar, já esperançado de encontrar na meada de tal mysterio, um fio conductor de redempção.

Vicente Mesquita era orphão e vivia só, dissipando em secretas libertinagens de vicioso cobarde, um magnifico vinculo que perpetuava a memoria gloriosa dos cinco irmãos que na conquista de Ceuta tomaram aos mouros a mesquita d'onde derivaram o appellido. O padre Lopo conhecia-o muito. Segundo as suas palavras, já chegara, em tempo, a «tel-o debaixo d'olho» para noivo de Luiza; mas depois, a vida estragada do rapaz, tornou-l'ho odioso e as relações que agora mantinha com Vicente, comquanto cordiaes, já não conservavam essa ternura paternal com que elle, a principio, quizera «mettel-o a bom caminho».

Deliberou-se pois um dia, e marchou para a casa das Granjas, compondo doridas visagens de condolencia. Sentou-se á beira do leito onde o enfermo se estirava de costas, pousando a cabeça empannada em uma pilha de pequenas almofadas, e pedindo inspiração á sua larga caixa de rapé, exordiou lamentando a catastrophe com a voz sermoneal das grandes solemnidades.

O bacharel escolhera bem o dia; n'aquella manhã, uma aura de eloquencia bafejava-o, como elle reconheceu, comparando-se, em soliloquio intimo, ao grande Demosthenes — á parte, é claro, a lepra do paganismo!...

Por fim, tendo ouvido na voz debil do doente, uma historia phantasiada da aggressão, aventurou modulando as palavras com um leve tom de exaltação:

— E quem seria o villanaz?

— Isso agora é que eu não sei... Ha quem ponha a bocca n'este ou n'aquelle, mas, como vossa mercê sabe, em taes occasiões tudo anda disfarçado e ninguem se conhece.

— Comtudo, pelo tom da vez, sempre alguma coisa se pode julgar...

— Sim, e é por isso que o meu laçao Melchior (a quem por ahí chamam o *Zanago*) que assistiu á briga, diz cobras e lagartos de um certo personagem d'estes sitios...

— D'estes sitios?!

— Sim; diz que até meu visinho...

— Olá, meu amigo! isso parece que me toca pela pelle!... Figura-se a vossa mercê que eu, com estas carnes e com achaques de velho, me fosse mascarar para correr nas encamizadas?— fez o padre, galhofando.

— Não digo isso...

— Pois então quem ha de ser o visinho? Da sua casa, o mais visinho sou eu, e depois o morgado do Loureiro; ora por este, ponho eu as mãos, que é pessoa de grande sizo e respeito. Já vê o amigo... Ah, sim, ha tambem o meu sobrinho D. Balthazar.

— Disse o nome!

— Hein?

— Digo que disse o nome do tal...

— O quê?... Que me diz?... Pois foi elle? O meu sobrinho!

— O *Zanago* diz que o jurava sobre umas *Horas*.

— Essa é taluda! Pois nós estavamos em casa dos Villegas e... Mas porque dianho lhe quer elle mal?...

— Eu sei cá!... Talvez seja...

E com um sorriso de vingança satisfeita a dilatar-lhe a face, acrescentou, baixando a voz, como fazendo uma revelação suprema.

— Vossa mercê não sabe?... Ah! p'ra os lados de Ranhados, ha mais de seis mozes que móra uma linda moça que é, nem mais nem menos, do que a manceba do tal seu sobrinho.

— Que me diz?! — exclamou theatralmente o padre, fazendo-se de novas.

— A verdade reverendo senhor, a verdade! Vá um dia até Ranhados e lá topa a tal rapariga. Mas ainda vossa mercê não sabe o melhor.

E o doente animava-se, gozando o desforço de aquella revelação; o olhar accendera-se, os labios tremiam n'um sorriso estranho. E continuou:

— Ainda vossa mercê não sabe o melhor! A tal manceba nem christã é; é judia, judia chada, filha de paes queimados em auto de fé!

— Crêdo! Isso não pode ser!

— Pois é! E saiba que se o seu sobrinho me agrediu não foi senão por causa de ella! Aquillo tem zellos de toda a gente! E como eu passei lá em Ranhados uns quatro dias seguidos, por causa de umas obras que trago no meu casal de Barreiros, o homem lá cuidou que eu fazia vistas á moça e tractou de me espancar á falsa fé. Perdô-me vossa mercê, mas é fraço traste, aquelle tal senhor D. Balthazar.

O padre não respondeu. Satisfeito por ter conduzido as coisas ao ponto desejado, pensava de cabeça baixa, em como havia de tornar esse odio favoravel ao bem estar e ao socego da sua familia. Conhecendo desde creança Vicente Mesquita, e sabendo por experiencia, até que ponto elle era falso e incaracteristico, não accetava os episodios inteiramente como elle lh'os historava.

Para si, era facto provado que Vicente desejava com ardor a judia, e acreditava sinceramente que aquellas visitas ao casal de Barreiros, não eram mais do que um pretexto grosseiro com que elle tentava encobrir a perseguição de que assediava a Gaya. Baseado n'estas conclusões, o padre Lopo concebeu o plano de incutir no animo de Vicente, a ideia de raptar a Gaya, e fugir com ella para qualquer sitio onde ninguem mais a visse! — Era o melhor e o mais summario!

Mas como havia elle, sacerdote de Christo, nevado de cans honestas, aconselhar semelhante acto que simultaneamente feria os seus deveres de religioso e a sua dignidade de velho?... Tal era o problema que n'aquelle momento lhe agitava o cerebro.

Mas o doente continuava a palavrear, exaltado por aquelle odio que lhe fazia esquecer as dôres physicas; e algumas phrases avulsas, exclamações de raiva, fizeram subitamente abalar as suas ideias.

— Mas deixe, reverendo senhor, deixe correr as coisas que a minha vez tambem ha de chegar! E eu lhe mostrarei que as offensas que me fazem, são pagas por tresdobro!

— Deixe-se de violencias, amigo Mesquita! Deus manda perdoar não manda vingar. E ainda p'ra mais, aquillo foi quasi como um desafio... Não vá o amigo arranjar ainda maiores trabalhos.

— Não, não arranjo! Vossa mercê bem sabe que eu não sou homem de brigas nem de arruaças, mas o meu desforço é honra que o tire. E hei de tirar-o sem espalhafato... Olhe, a estas horas, já a coisa corre o seu caminho!... Mas socegue, o seu sobrinho por esta vez acho que não soffrerá nada em sua pessoa...

Ficou por ahí, a entrevista. O padre fel-o jurar que não mandaria arcabuzar o sobrinho, nem delataria ás justicas o facto de elle estar amancebado com mulher judia, e depois de isto abalou para casa, impressionado pelo contentamento satânico com que Vicente Mesquita fallava na sua desforra! Instinctivamente, temia os resultados d'aquelle odio latente e corrosivo, um presagio que não sabia explicar, envolvia sombriamente o seu coração; e no dia seguinte, depois de de uma insomnia agitada e martyrisante, esqueceu as velhas offensas e decidiu-se a prevenir o sobrinho.

Foi rapido e secco. Encontrando se n'um corredor afastado disse-lhe apenas:

— Ouça lá, senhor D. Balthazar. Olhe que o Mesquita anda a tramar não sei que vinganças... Acautelasse se se quiser. Elle, apesar de estar na cama, é homem para lhe estragar a vida... Ah! fica o aviso; agora faça o que entender.

E rodando maciçamente sobre os calcanhares, retirou-se, antes que o sobrinho tivesse tempo de responder-lhe.

Aquella revelação apesar do mysterio solemne em que o padre a envolveu, deixou ligeira impressão no animo de D. Balthazar. Julgando que se tractava apenas de uma espera vulgar de encruzilhada, com malandrins assalariados para o assassinar, reforçou o arsenal que já de antes escondia sob a capa, e trocou por outro, o caminho que habitualmente seguia para Ranhados.

Correram assim oito dias sem o menor incidente. Ao fim de este tempo o José Russo, um laçao de confiança que puzera de atalaia em casa da amante, veio prevenil-o alvoroçadamente de que uns homens desconhecidos, de cara sinistra, tinham andado no dia anterior por Vizeu, indagando a morada de uma tal Manuela Sanchez, de galunha a Gaya, mulher de mau sangue que praticava feiticarias e invocava o Diabo na sombra das encruzilhadas.

Ainda esta pavorosa não tinha penetrado bem a fundo o animo de D. Balthazar, quando o padre Lopo entrou em casa como um turcão, apoplectico, bradando, com gestos allucinados, a face livida do sobrinho:

— Esconda-me essa rapariga, com mil Satanazes! Venho agora de Vizeu; os quadrilheiros andam n'uma dobadoura, espicaçados pela Inquisição... Ah! está a obra do Mesquita!

D. Balthazar, desasizado pela nova, lembrou-se apenas de coisas excessivas: matar os quadrilheiros, matar o Mesquita, matar tudo o que se oppozerse a tranquillidade do seu amor!

Mas o padre Lopo exaltava-se, furioso:

— Tenha vergonha! Quer que o seu nome ande por ahí boquejado por toda a ralé? De graças ao céu em ninguem lhe delactar a mancebia, senão também tinha de se pôr na perna! Mas mexa-se, homem! Não é só esmurraçar o ar! Esconda a maldita até que elles socegum e depois mande a vida lá p'ra d'onde veio; é o que deve fazer! Senão vê-a estalar na fogueira e eu a bater palmas á volta!

E o bom do padre nem pensava que a sua afflicção contraditava tacitamente aquellas palavras cruéis.

— Mas que diabo hei de eu fazer? — clamava D. Balthazar, desesperado.

— Não falle no porco-sujo que não é cá preciso para nada! Esconda a mulher, esconda-a, já lh'o disse. No fim de tudo, sempre é uma vida que salva da fogueira... Deus me perdõe se pecco!

— Mas aonde, aonde hei de eu encontrar escondido seguro.

— Eu sei cá! Olhe, sabe o que mais?... Arranja com que ella desapareça esta noite, que eu vou ver se embaraço ou troco as voltas os quadrilheiros! Agora, olhe lá o que arranja! Mãez p'ra sua ideia de se empecadar com heresjes!

— Já a voltar-lhe as costas, esbofado de tantas commoções, mas ainda lhe disse:

— E olhe lá se faz as coisas com termos. As senhoras cá da casa não sabem de nada, e bom é que se lhes poupe o desgosto.

O padre illudia-se. D. Luiza Cordovil não ignorava nenhum dos trezarios do marido, mas conchegada ao amor do filho, que ia crescendo bello e forte, sentia quasi uma indifferença inexplicavel por essas traiçõesinhas conjugaes, indifferença que mais parecia um estado morbido, uma atonia que lhe vedava suavemente a alma ás sensações excessivas. Continuava a estimar o marido que, pela sua parte, nunca deixava de cercal-a de cuidados e attentões galantes; mas o seu affecto tinha a serenidade mansa de uma ternura de irmã, sem sobresaltos, quasi sem necessidade de ser retribuida, como se o sorriso do filho bastasse para responder ás exigencias da sua sensibilidade de mulher.

Intimamente desculpava até as leviandades de D. Balthazar, reconhecendo n'ellas o natural resultado de aprisionar n'um canto de provincia, entre caçadas e saras insulsos, aquelle temperamento fogoso e excitavel, creado no tumulto da capital, entre a vida cambiante e aventureira das mocidades felizes.

Entretanto, D. Balthazar conseguindo acalmar o espirito desorientado pelo embate de tantos reveses subitos, seguiu os conselhos do padre Lopo. José Russo, o seu laçao de confiança, foi logo ex-

pedido para Ranhados, com ordem de aferrolhar a Gaya na adega subterranea da casa, e de a dar como ausente a quem quer que a procurasse. Depois, toda aquella tarde errou por fora de casa, com apparencias despreoccupadas, visitando caseiros distantes... Já de noite, seguiu para Ranhados. A Gaya, tranzida de pavor, apenas o viu perguntou anciosamente:

— E então?

— Então, aprompta-te depressa; é preciso sahir d'aquí immediatamente.

— Para onde vamos?

— Não te dê cuidado isso. Anda, anda depressa; arranja as tuas coisas, entrouxa o mais preciso, que não ha tempo a perder.

Meia hora depois sahiam cautellosamente, embuçados. A noite, escurissima, propiciava a fuga. A frente, a vinte passos de distancia, o José Russo sondava o caminho com ordem de fazer signal ao primeiro encontro suspeito; e todos silenciosos na sombra do atalho, pisando leve, entre o ramalhar somnolento das arvores que uma aragem glacial batia, tinham um ar de predestinação infeliz, como esses heroes das velhas balladas que andam por veredas mysteriosas cumprindo impiedosas vagabundagens de fadario.

A Gaya encostada ao amante, tremia convulsamente, encarando com pavor a sombra do arvoredo: D. Balthazar aperrara duas pistollas e caminhava audaciosamente, resovido a passar sobre todos os obstaculos que tentassem falsear-lhe o intento.

Ao cabo de uma hora de caminho, chegaram afinal, sem terem encontrado viv'alma, a um cazebre sem apparencia, atarrecado e pobre, a cuja porta D. Balthazar bateu duas pancadas leves, de um modo discreto e especial.

Entraram. Uma forte mulheraça, gorda e fresca, erguia, allumiando-os, uma candeia de azeite que espalhava em torno claridades vacilantes; e apenas fechada a porta, D. Balthazar disse para a Gaya:

— Ora aqui está o sitio onde tu has-de ficar, por enquanto.

E como ella tremia sempre, nervosamente, encostando-se-lhe mais, acrescentou para animalla:

— Nada de medos! Aqui ninguem se lembra de procurar-te. E' só por alguns dias; depois, veremos. Tem paciencia. Ah! está a sr.<sup>a</sup> Eufrazia que prometeu guardar-te com risco da propria vida.

— Prometti e aqui estou para o cumprir! — ratificou a mulheraça, com orgulho, batendo no peito. — Para o senhor D. Balthazar é tudo o que quizer. Nunca me esquece o que fez pelo meu Appolinario!

Este Appolinario era um filho da sr.<sup>a</sup> Eufrazia, sujeito de maus figados que esfaqueara um meirinho, sendo por este crime condemnado á morte. D. Balthazar, por influencia de parentes, conseguira que lhe comutassem a pena em alguns annos de galés; de ahí, nascia o reconhecimento da sr.<sup>a</sup> Eufrazia que o fidalgo só n'aquelle dia se lembrara de utilisar.

A Gaya ficou installada em um pequeno compartimento escondido no interior da casa, com recommendação expressa de se conservar ali como freira em cela, até que D. Balthazar ordenasse o contrario.

Assim que o fidalgo sahiu com o José Russo, a judia deixou-se cahir sobre um escabello, desanimada, a soluçar:

— A minha desgraça! a minha desgraça! — exclamava ella, em voz de sopro.

— Quai desgraça nem qual carapuça! Deixe-se de isso, senhora! Se os homens cá vierem dá selhes cabo da casta! Ou eu não seja Eufrazia da Purificação, se não der com uma sachola na cabeça do primeiro que cá apparecer! Olha o arranjo!... Agora, a chorar como uma magdalena, depois de estar aqui mais segura do que quando andava na barriga da mãe! Credo! Anjo bento! Se eu assim chorasse, ás que me tem acontecido, já tinha enchido um poço!

Com estes palavriados rudes da sr.<sup>a</sup> Eufrazia que, na expressão dos vizinhos, «era uma azenha, posta a fallar», a Gaya ia-se reanimando e cobrando esperanza de dias mais felizes.

Entretanto D. Balthazar torcendo voltas percauciosas, caminhou para casa, um pouco mais alliviado, mas ainda temendo pela segurança da rapariga.

O padre Lopo esperava-o.

— Então, tudo arranjado? — perguntou-lhe elle de chofre, vendo o chegar.

— Tudo!

E D. Balthazar explicou diffusamente os pormenores da sua deligencia.

— E os homens? — perguntou elle, afinal, concluindo a narração.

— Os homens — fez o padre Lopo, mais socoçado — contam dar amanhã o assalto!

— Pois que deem!

O bacharel teve uma visagem ambigua de ironia de-contente:

— Sim, eu tambem digo o mesmo. Mas ouça lá senhor sobrinho; não seria desacertado que vossa mercê fizesse amanhã uma viagem até qualquer parte... Não vá ás vezes ser caso que algum faiante ponha a bocca no seu nome!...

— O quê?... Pois haverá quem tenha ousadia para se embaraçar commigo?

— Homem! as leis, n'estes agravos á Igreja, não distinguem entre fidalgo e peão.

— Mas prenderem-me, só porque um qualquer boqueje o meu nome? A mim, filho do conde de Val-de-Bouro, padroeiro de sete abbas e dois conventos?

— Eu lhe digo, as coisas estão frias, agora... Os castelhanos puzeram tudo isto ás aranhas... E ás vezes, como as leis são a favor...

— Ora adeus, não pode ser?

— Homem, o seguro morreu de velho! E vossa mercê, quer queira quer não, sempre está empesado de heresia. A verdade é esta e o mafarrico está sempre de olho alerta. Adeus, boa noite, senhor sobrinho! Faça o signal da cruz antes de se deitar!

(Continúa.)



## REVISTA POLITICA

Varios tem sido os casos politicos occorridos desde a nossa ultima revista para cá e, diga-se a verdade, nenhum d'elles tem sido de molde a dar força á actual situação, o que, tambem diga-se a verdade, é para lamentar, pois vai sendo cada vez mais funesto para a nação esta constante mutação de governos, pelo nenhum proveito que ella auffer de taes mudanças.

De balde se tem procurado melhorar a situação do paiz depois das ruinosas administrações por que tem passado. De balde se esperam novos processos administrativos, serios zelosos e independentes de toda a politica, que aproveitem os grandes recursos d'esta nação digna de melhor sorte.

A insania continua e não sabemos que mais será preciso para que os politicos se convençam de que é tempo de deixar os governos administrados, em vez de os saltarem por todos os lados com imposições politicas de puras conveniencias pessoais.

Se entrarmos no amago de todas as medidas governativas que ha annos a esta parte tem sido decretadas, lá encontraremos sempre as conveniencias pessoais, de uma politica comisinha a sobrepojar os interesses geraes da nação.

Este systema de dirigir os negocios publicos havia de trazer mais cedo ou mais tarde as suas consequências funestas, e ellas ahí estão a manifestarem-se desde ha quatro annos, cada vez com mais intensidade, cada vez complicando-se mais, enredeando os proprios auctores em apertado cerco de que não ha desenvelharem-se por qualquer lado que queiram escapular-se.

Um d'esses negocios é o dos caminhos de ferro, que se pôde dizer chegou a ponto de rebocado.

Por que desde seu principio se encaminhou mal esta questão, não se pedindo restrictas contas a quem se deviam pedir, para que a nação se lavasse de quem a tenha enxovalhado, ahí está agora o governo maneatado, sem poder sahir airoso de uma questão que elle herdou, e a que não tem a coragem de dar o remedio franco e dessejivo que lhe devia dar, por que a tal rede o enredou de volta com os que mais culpas tem n'esta questão.

Escusamos de ser mais explicitos para que seja divididamente apreciado o alcance das nossas palavras, e só diremos que não nos devemos de admirar que os estrangeiros nos enxovalhem, quando primeiro que elles nos deixamos enxovalhar nós mesmos, sem nos lavarmos devidamente.

Se as reclamações dos obrigacionistas francezes encontrarem echo no governo da França e esta enterverio na questão fazendo suas essas reclamações perante o governo portuguez, é porque na

questão haviam casos escuros que não foram suficientemente aclarados, para que se provasse quanto era justo e accetavel o convenio que se proponha.

Tem estes perigos o deixar a estrada direita pelos atalhos, mas desgraçadamente não vimos quem esteja resolvido a abandonar estes processos, por mais que a experiencia vá mostrando quanto elles são nefastos para a nossa administração.

E' esta politica rabola e estreita que nos está fazendo cada vez mais pequenos, porque derresto diremos como Victor Hugo: «Não ha pequenos povos mas sim pequenos homens.»

E tem sido a questão dos caminhos de ferro o que mais tem dado que fallar, pela attitude que o governo da França tomou em defeza dos interesses dos obrigacionistas francezes.

O governo, parece que não se preocupou assaz com a questão, apesar de ella já ter determinado a sabida do sr. ministro dos estrangeiros, porque, emfim, collocou se na situação de accetiar o que lhe propozem, e d'este modo tudo vai bem até ao ponto em que a nação tenha por onde pagar.

Vale a pena ser governo para isto!

Entretanto, no regresso da sua visita ao Porto, onde foi assistir ás festas do centenário Henriquino o governo decretou o dia das eleições para 15 de abril, sem comtudo declarar para quando convoca as côrtes.

Não nos lembra de umas eleições como as que se preparam, em que as convicções politicas se sentem cada vez mais abaladas e sem fé.

Evidentemente o paiz está cansado d'esta contradança, em que, por mais que se faça, não se acertam os pares.

Chegou á mais completa indifferença por quem o governa, e os politicos lá fazem e desfazem governos, sem que elle se abale com isso.

Quando nos fallam de opinião publica, é por certo algum politico que se faz cargo d'ella, porque de resto é coisa que por cá se não encontra ha muitos annos.

Os politicos monopolisaram-n'a e a pobreza morreu para o resto do paiz.

João Verdades.



## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Almanach do Anadia**, 1.<sup>o</sup> anno; 1894. *Arthur de Campos* (director.) *Anadia*, Typ. Progresso, 1893. — Recebemos este almanach illustrado com o retrato do sr. conselheiro José Luciano de Castro; e contendo nas cento e oitenta paginas de que se compõe, muitos conselhos uteis e uma desenvolvida seccão litteraria, especialmente poetica, distinguindo-se n'ella os nomes de Mayer Garção Rangel de Quadros, etc., etc.

**Contos insulares, Angra do Heroismo**. Typ. da *Gazeta de Noticias*. 1893. — Oito narrativas, singelas, encantadoras e tristes, oito pedaços de vida real, de vida que o leitor observa, são os *Contos insulares* que o sr. Moniz nos apresenta, formosos de forma e ainda no pensamento. N'elle photographia com felicidade varias phrases do labutar humano. São ellas: *Amor fatal*, *Helena*, *O criminoso*, *O enfeitado*, *Thesouro perdido*, *O padre e Rosalia*, titulos que bem traduzem as commoventes novellas.

**A Reacção**, *Revista litteraria N.º 1 da 1.ª serie*. Direct r *Gustavo Santhiago* Dezembro de 1893 *Coimbra*. — Extremamente sympathico este periodico. Partindo d'uma pleiade dos novos de talento, sendo seu ecco, accorda em nós um impulso mais forte de sympathia. Nas suas 16 paginas de elegante publicação, apparece-nos uma placa de oiro cravejada de preciosas endeixas tão bellas e formosas, as poesias que a esmaltam. O numero que temos presente insere artigos de Gustavo Santhiago, Carlos de Lemos, Guedes Teixeira e Alberto Pinheiro, que são verdadeiras filigrannas buriladas pelo espirito artistico dos citados novos.

**Relatorio da administração da Real Casa Pia de Lisboa**, relativo ao anno economico de 1890-1891, apresentado a S. Ex.<sup>a</sup> o ministro do reino pelo provedor *Francisco Simões Margiochi*. Lisboa *Imprensa Nacional* 1893.

Entre os livros, que chronologicamente, o registo de entradas, n'esta redacção, nos mostra como o mais antigo, está este proficiente relatorio, trabalho apreciavel do illustre provedor.

Contudo, não foi elle esquecido; no numero de 1 de dezembro de 1893, o nosso prezado collega *Manuel Barradas*, publicou a sua opinião, e se a

nos: 32:850\$000 e a de vencimentos a empregados que é 15:408\$940 e despesas e reparos no respectivo edificio 3:200\$000; etc., etc.

Encontram-se, depois, os mapps em que se desenvolvem estas verbas; e, em seguida a elles, um do *orçamento suplementar* de 1890-91 o que nos dá o valor de 4:526\$000, e ainda outro 2.<sup>o</sup> *orçamento suplementar* da importancia de réis 2:704\$000.

Muitos outros se seguem de valor notavel, mas agora trataremos da parte a mais interessante: a estatica não de valores, mas sim de individuos.

O mappa que mais nos agradou foi o da *relação nominal dos alumnos que, durante o anno lectivo de 1890-91 frequentaram, fóra da casa pia; estabelecimentos publicos de instrucção, com a designação dos resultados obtidos em exames no fim do referido anno*.

São 11 os estudantes n'estas circumstancias dos quaes oito verdadeiramente estudantes distinctos; sobressahindo, pelos premios recebidos, os seguintes:

José Henrique dos Santos, alumno do conservatorio real de Lisboa; Emilio Gonçalves da Silva, Nuno Alvarenga, Antonio José da Costa, na escola industrial Marquez de Pombal; Pedro da Fonseca Guedes, Joaquim Porphirio e Antonio do Couto Abreu, da Academia de bellas-arts.

Repetimos é formosissima esta lista e mostra-nos quão verdade são estas palavras do illustre provedor, e que remata-rão esta pequena noticia.

«Nem se alargue para todos o plano da instrucção, nem machinalmente se imponha a restricção de que todos quantos a desdita da orphandade e da pobreza levou a matricularem-se na casa pia sejam apenas illustrados com a instrucção primaria, como alguns espiritos, aliás cultos, e talvez mesmo bem intencionados, tem proclamado.

Faz-se tanta apologia da equaldade e da liberdade... theoreticamente, em discursos e em escriptos e na pratica nega-se a igualdade dos direitos e a liberdade das aspirações?

Pois pelo facto de um rapaz nascer de pobre stirpe ha de estudar só a instrucção primaria, e quando muito aprender um officio manual?

Pois o misero andrajoso será incompativel com o talento e com a capacidade de absorver conhecimentos, e o filho do rico, do homem illustrado e bem collocado será sempre o melhor alumno do lyceu e das escolas de instrucção superior, dos institutos, das universidades?

A igualdade deve ser a de sugar aos mesmos moldes todos os que provem da mesma origem; a igualdade consiste em garantir a todos quantos possuam as mesmas aptidões, as mesmas faculdades, a possibilidade de manifestal as de cultural-as, de aperfeicõal-as, de convertel-as em utilidades positivas.

A liberdade consiste em poder cada um escolher a carreira que lhe aprouver, e que mais se coadunar com as tendencias do seu espirito.

Esta creio que é a verdadeira doutrina dos que não desejam para si as vantagens da instrucção, e para os outros os inconvenientes da privação d'ella.

N'estas palavras, se encontram a repassal-as, um espirito de sciencia tão alevantado, quanto a estrutura d'ellas é inspirada nos apodos que se fazem injustamente aos fins da Casa Pia.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Modesto & C.<sup>a</sup>, Imp. — R. Nova do Loureiro, 95 a 99 — Lisboa



CANAL DE CORINTHO — ULTIMAMENTE ABERTO Á NAVEGAÇÃO

notar ha alguma cousa, é a restricção que o espaço o obrigou, não lhe permittindo tratar d'um dos pontos porque este relatorio mais se nos impoz — é a parte estatistica porque ella é: «um elemento seguro e indispensavel de administração, mas não é a compilação material dos numeros que basta; são elles como as notas de musica, que por si só nada representam, mas que, devidamente interpretadas, exprimem harmonias. O primeiro trabalho, porém, é compilar esses numeros.»

Logo ao principio o proficiente provedor enumerou os relatorios que d'aquella casa se tem publicado: 1881-1882, 1882-1883, 1883-1884 e 1884-1885. Após este ultimo só se publicou o de 1889-90, já, tambem, redigido e elaborado pelo senhor Francisco Simões Margiochi, e de que, em seu tempo, demos noticia.

Analysando, pois, o relatorio presente, n'esta sua divisão encontramos os seguintes dados que, decerto, podem mostrar o valor da instituição, cuja importancia no artigo já referido o sr. Manuel Barradas fez sentir.

Seguindo a ordem do proprio relatorio temos o mappa do *orçamento da receita e despeza para o anno economico de 1890-91*; no qual vemos:

*Receta ordinaria e extraordinaria*: 67:888\$209  
 igual despeza total em que as verbas que assim avultam são: despeza individual com 600 alum-